



**EPEPE**  
ENCONTRO DE PESQUISA  
EDUCACIONAL  
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento  
na Perspectiva do Direito à Educação

## 6 - GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS

### NARRATIVAS DE PROFESSORES HOMOSSEXUAIS NA DOCÊNCIA E NO COTIDIANO ESCOLAR

Autor: SILVA, Filipe Antonio Ferreira da<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

Co-autores: CHAGAS, Tâmires karen Eloi das<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

SILVA, Regina Celly Clemente<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

#### Resumo

O presente artigo é um estudo sobre a problemática da identidade homossexual inserida no ambiente escolar. Propomos um estudo sobre duas escolas do município de Caruaru e duas escolas na rede privada de ensino situado no Agreste Pernambucano. Temos como objetivo geral compreender as experiências relativas a construção de identidades de professores homossexuais na prática docente e cotidiano escolar, juntamente com os objetivos específicos mapear os principais fenômenos da identidade homossexual dos professores das escolas privadas e públicas de Caruaru, identificar os dispositivos pedagógicos utilizados pelos professores para subverter os discursos dominantes em sua sala de aula e levantar as principais percepções da comunidade escolar sobre a presença de professores homossexuais. Este trabalho justifica-se pela ausência de discussão sobre a temática da diversidade sexual nas escolas, que por muitas vezes está entrelaçado a um modelo hegemônico de cultura escolar. Assim acreditamos que a visibilidade desses sujeitos homossexuais posam produzir no âmbito escolar a proliferação do respeito às várias identidades existentes e combater de frente com esses discursos de ódio que a escola está inserida. Nossa problematização é exposta na seguinte questão: problematizar quais seriam os processos simbólicos, culturais, históricos e linguísticos em seu sentido mais amplo na constituição de identidades desses sujeitos homossexuais na prática docente e cotidiano escolar? Em nossa metodologia adotamos uma pesquisa qualitativa/exploratória apoiada ao estudo do caso alargado com entrevista semi-

<sup>1</sup> Graduando de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste – Núcleo de Formação Docente, atualmente Bolsista do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina. *E-mail:* filipe.antonio20@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste – Núcleo de Formação Docente, atualmente Bolsista do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina. *E-mail:* tamichagas@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste – Núcleo de Formação Docente, atualmente Bolsista do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina. *E-mail:* reginacaruaru@hotmail.com

estruturada e análise documental, para coletar e tratar dos dados. Para entendermos as especificidades que permeiam a identidade homossexual e termos uma compreensão do campo empírico. Para isso nós utilizamos de bases teóricas sustentadas pela perspectiva pós-estruturalista para situar nosso trabalho dentro de um panorama atual, do lado dos estudos *Queer* e da perspectiva sociológica sobre a educação. Ao mesmo tempo em que nós utilizamos das falas de profissionais de educação para nos direcionar os resultados. Nossas conclusões foram no sentido de dar conhecimento sobre os problemas oriundos de professores homossexuais na atuação profissional e dos problemas oriundos das posições pessoais e profissionais da educação.

**Palavras-Chave: Homossexualidade, Educação, Sexualidade, Respeito às diferenças.**

## **1. Introdução**

Se analisarmos a sociedade, percebemos que esta possuía uma diversidade de perfis de mulheres e homens com quem nos encontramos em nosso dia-a-dia, somos motivados a considerar que existem muitas diferenças mesmo entre os próprios homens, bem como as mulheres. Há algumas décadas, a partir das manifestações ocorridas em São Francisco, com o movimento *gay* e de lésbicas, como o feminismo, passou-se a se questionar visões essencialistas como dedução das diferenças entre os sexos. É assim que o conceito de gênero vai se reivindicando como uma forma mais apropriada de entender essas relações ao propor uma superação das explicações naturalizantes do sexo.

Face isto na nossa pesquisa: **buscamos problematizar quais seriam os processos simbólicos, culturais, históricos e linguísticos em seu sentido mais amplo na constituição de identidades desses sujeitos homossexuais na prática docente e cotidiano escolar?** Para tanto, tivemos como objetivo principal compreender as experiências relativas a construção de identidades de professores homossexuais na prática docente e cotidiano escolar, juntamente com os objetivos específicos mapear os principais fenômenos da identidade homossexual dos professores das escolas privadas e públicas de Caruaru, identificar os dispositivos pedagógicos utilizados pelos professores para subverter os discursos dominantes em sua sala de aula e levantar as principais percepções da comunidade escolar sobre a presença de professores homossexuais

O artigo está subdividido em partes que visam dar conta de nossa problemática supracitada. Dentre os tópicos está o referencial teórico, que discute a identidade homossexual na escola, docência, sexualidade, homossexualidade e cotidiano escolar. Na sequência temos a metodologia, que explicita as opções metodológicas e os caminhos traçados para que os nossos objetivos fossem alcançados. Feito isto,

apresentamos nossa análise frente as categorias, nossas considerações finais em torno do tema e por fim nossas referências que serviram de base para a nossa discursão.

Pesquisar sobre as relações de gênero e sexualidade nas narrativas de professores homossexuais é ainda, levar em consideração as diferenças no contexto escolar, bem como as relações desse indivíduo na sociedade como um todo, para que possamos compreender a importância de uma sociedade onde homens e mulheres sejam iguais efetivamente, tanto em direitos quanto na percepção de seus papéis e comportamentos. Nessa perspectiva, Fernando Effner (2006) diz que:

A crença socialmente institucionalizada segundo a qual existira apenas um modo legítimo de viver as masculinidades e as feminilidades e uma única forma “sadia e normal” de expressar-se sexualmente- a heterossexual- vem fazendo com que os sujeitos que não se adequam nessa representação sejam colocados e se sintam à margem, como “desviantes”, “aberrações”, “contra a natureza”. (Fernando Effner, 2006 p: 91-92)

Há um desafio para esse professor em sua inserção na comunidade escolar, e por tanto há uma necessidade de se pesquisar as temáticas emergentes. O estudo do gênero e da sexualidade, buscam explicar a reprodução das relações sociais entre os grupos e os papéis sociais e sexuais, o que leva conseqüentemente ao entendimento de outras relações.

## **2. Panorama Teórico**

Vários estudos em ciências sociais e humanas têm demonstrado como a sexualidade é historicamente construída, afastando-se assim de uma compressão essencialista na qual seriam buscadas explicações biológicas para as manifestações sexuais. Nesse sentido, a heterossexualidade foi definida ao longo dos tempos como sendo uma regra a partir da qual outras formas de sexualidade vão ser marginalizadas, pensadas e consideradas erradas, subversivas. O debate sobre a homossexualidade tem o objetivo de problematizar a construção de uma normatividade à qual todos deviam seguir. Nesse sentido, através do referencial teórico que iniciamos a nossa discursão, buscando autores e autoras que estudam a educação e que discutem as relações de gênero presentes na sociedade e que também buscamos contribuir com estas lutas. Para Freire (2000) não é possível transformar o mundo sem sonhos, sem utopia ou sem projetos.

Refletimos que a mudança social na educação deve estar voltada para o rompimento da ideia de subalternidade, invisibilidade e diferenças entre os sexos e entre papéis sexuais. Segundo Lage (2009), pensar em algo radicalmente melhor implica, pois, numa rebeldia de nosso próprio pensar, capaz de romper com as crenças imobilizadoras que geram o pensar submisso, fazendo-nos renunciar a nossa capacidade de pensar, questionar, comparar, decidir, sonhar por um mundo melhor (Lage, 2009 p. 8). É nesse sentido que estudar as expressões das relações de gênero e identidade sexual presentes no cotidiano desses professores, se constitui uma possibilidade de ampliar a capacidade de compreensão crítica desses sujeitos com seu cotidiano. Diante dessas considerações, precisamos esclarecer alguns conceitos que são fundamentais para a nossa discussão, como a HOMOFOBIA, segundo o juiz federal Roger Raupp Rios, a homofobia poder ser definida de maneira rápida como uma “forma de preconceito, que pode resultar em discriminação. De modo mais específico, a homofobia é a modalidade de preconceito e de discriminação contra homossexuais. Compreender o preconceito e a discriminação sofridos por gays a partir da noção de fobia tem emento central “as dinâmicas individuais experimentadas pelos sujeitos e presentes em socialização”, como conforme afirma Rios (2007, p. 31) é nesse sentido que vamos tratar das identidades que se constroem a partir dessa diversidade da experiência da sexualidade que extrapola a heteronormatividade.

### **2.1. Identidade homossexual na escola**

É comum deparamos com situações preconceituosas relacionadas às manifestações da sexualidade no interior da escola. É mais mascarado quando o próprio professor dar visibilidade a sua identidade homossexual perante à comunidade escolar, onde a própria escola está ligada sempre na construção das desigualdades, da homofobia e do sexismo. É nesse sentido que a professora Guacira Lopes Louro afirma:

Para o campo educacional, a afirmação desses grupos é profundamente perturbadora. Não dispomos de referências ou de tradições para lidar com os desafios ali ampliados. Não podemos mais simplesmente “encaminha-los” para os serviços de orientação psicológica para que sejam reconduzidos ao bom “bom caminho”. Mas certamente é impossível continuar ignorando-os. ( LOURO, 2003, P. 49-50).

Ao nos provocar sobre a instabilidade que seria característica da pós-modernidade e a presença desta na própria comunidade escolar, alerta que mais

perturbadora que a instabilidade é a presença desses indivíduos que assumem sua identidade homossexual abertamente. A fala de Louro é um convite para que a escola se retenha desses preconceitos e se abra para uma reflexão sobre a educação para que se tenham espaços para a diversidade. Stuart Hall (1997), em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, argumenta sobre o fracasso das antigas identidades na pós-modernidade. Percebemos ao longo da obra, que o autor ao fragmentar o termo identidade mestra, é de fato reconhecer, e em situações bem concretas, que as identidades mudam de acordo com a forma que “o sujeito é interpelado ou representado...” Como vários autores vem abordando, a sexualidade é um fenômeno social e histórico que não existe em nenhum sentido natural e que é preciso compreensão para respeitar as identidades de cada sujeito e que é preciso compreendê-la como algo que se diz respeito à vida social como algo historicamente construído.

Nesse sentido, a escola é um campo de repressão e geradora de desigualdades com os sujeitos que definem suas identidades sexuais perante toda comunidade, alguns educadores e educadoras baseiam suas concepções em uma perspectiva no qual haveria apenas uma forma aceitável de sexualidade, a heterossexual, a normal, a “sadia” a professora Guacira Lopes Louro considera que, para fugir dessa forma de abordagem, é necessário transgredir, desconsertar e desestabilizar os pares- estratégia necessária para consolidação de uma política para a educação.

## **2.2 Docência e sexualidade**

A homossexualidade não é algo novo, mas ao mesmo tempo suas discursões é algo mais recente. A ideia que se tem dela também pode variar em relação ao contexto histórico e cultural. Assumi-la não é simples, pois é dizer que não se enquadra aos padrões instituídos pela sociedade que vivemos.

A escola é o lugar de quebras de paradigmas, mas também é o lugar que pode cada vez mais colocar tais modelos com regra de vida a ser seguida. As instituições de ensino são lugares privilegiados e é neste ambiente que podemos quebrar a corrente do preconceito e da discriminação. Pode ser ensinado respeito às diversas formas de ver o mundo, e as diferentes formas de se relacionar.

Para assumir uma sala de aula é preciso ter profissionalismo. Professores não são apenas aqueles que vão ensinar história, português, matemática. São aqueles que poderão levar os alunos a outros pensamentos. Na perspectiva de gênero o professor em sua prática docente pode levar os alunos a pensar do porquê de haver a homofobia, por que homossexuais tem que passar por intolerância de uma sociedade que definiu homem, mulher e formas de se relacionar. Luana Molina traz que:

Assim, ao dizer que as relações de gênero são construídas socialmente, isso implica dizer que, elas se dão de forma diferente de uma sociedade para outra e em épocas diferentes; ou seja, os sujeitos históricos têm suas relações fundamentadas por um padrão dominante no gênero como: homem/ mulher, provedor/ reprodutor, público/ privado, dominação/ submissão. (MOLINA, 2011)

Apesar de não serem muitos, podemos encontrar certo número de docente que assumiram a sua homossexualidade. É evidente que os preconceitos vieram de muitas partes, dos próprios professores, dos pais, dos alunos. A nossa sociedade não compreende que ser ou não homossexual, não define a prática do professor, não define se ele vai ser um bom ou mau profissional. Alguns professores, dizem que no começo em que os alunos sabem de sua homossexualidade, determinados alunos passam a ofender, falar mal.

O docente então pode tentar conquistar o alunado levando-os a entender que a sua condição sexual não influenciará em suas aulas na questão da aprendizagem da disciplina, que ele não é uma má pessoa, que não fará nada para prejudicá-los, nem faltar com pudor, já que essa é uma ideia que muitos têm em relação aos homossexuais. Ao mesmo tempo esse professor pode mostrar a diversidade que sempre existiu e agora é mais discutida, que tem outras formas de constituir família e de se relacionar. Essa conversa com os alunos é muito importante para que com esse diálogo o professor tenha mais liberdade para exercer a sua prática docente, sendo possível que os alunos compreenderem os motivos do professor e enxergue-o como profissional.

É na escola que será possível discutir essas problemáticas, buscando que os alunos possam compreender o que é homossexualidade, incentivando o respeito aos homossexuais independente se ele for seu colega de sala, seu professor ou outro profissional da comunidade escolar.

### 2.3 Homossexualidade e Cotidiano Escolar

Após breve explanação sobre identidade homossexual na escola e docência e sexualidade, neste ponto abordaremos a vivência do professor com outros sujeitos da escola, também como algumas referências de suas relações em sala de aula. Dessa forma, de que maneira esse ambiente lida com professores cuja orientação sexual é a homossexualidade?

Em um mundo que se prega um discurso heterossexista, o cotidiano é o lugar onde se processam os diferentes tempos, espaços, escolhas e vivências do ser humano, interferências e seus conflitos sempre partindo dos sujeitos e de suas relações.

É evidente que o cotidiano se caracteriza pelo repetitivo em relação ao factual, pela continuidade e permanência, até porque o cotidiano estrutura o *modus vivendi* que esconde o movimento temporal. Com isso não significa dizer que o cotidiano não seja um lugar de criação, inovação, do espontâneo, do jogo, do imaginário da festa e da resistência. Tedesco, 1999, p. 200

Desse modo é cabível pensar que o ambiente escolar e todas as suas possibilidades podem influenciar na trajetória dos sujeitos através de ações que possam provocar o crescimento desses. Devemos pensar o cotidiano escolar como possibilidade de organizar uma história diferente, imbuída de significados, que verdadeiramente possibilitem a promoção e valorização dos sujeitos humanos.

Acreditamos que a escola cria barreiras, quando decide manifestar e apontar os modelos a serem seguidos, agindo deste modo ela não permite que o sujeito se reconheça, tornando-se assim um ambiente discriminatório, papel totalmente contrário ao que lhe cabe. A escola deve oferecer elementos para construir a autonomia e criticidade de seus alunos e todos os que ali transitam, assim poderemos refletir sobre uma promoção de igualdade de gênero no ambiente escolar.

Dizer que a escola é um lugar de possibilidades é dizer que ela precisa contribuir para ações de cunho reflexivo, a começar com a discriminação contra seu próprio corpo docente que tem como orientação sexual a homossexualidade. Nas entrevistas que fizemos, isso não foi percebido por parte das escolas analisadas, com relação ao tema da homossexualidade, aliás a sexualidade em si é pouco tratada na escola:

Nas escolas em que trabalho não existem muitas ações com relação a homossexualidade, por exemplo, existem ações pra falar sobre o racismo, já existe um programa na escola, mas com relação a homossexualidade não há nenhuma programação, até porque materiais pra se usar em sala de aula, são poucos e os que tem não correspondem muito a nossa realidade. E eu atuo mais dentro da sala de aula, às vezes tirando alguma dúvida sobre o tema quando surge algum questionamento essas coisas simples. Mas não há nenhuma programação (Professor II).

O professor pode através de campanhas na escola, interdisciplinando conteúdos, ou mesmo desenvolvendo em seu dia-dia na sala de aula e estabelecer com seu aluno uma relação de respeito ao outro.

### **3. Metodologia**

Escolhemos seguir um percurso metodológico seguro e que nos direcione de forma precisa aos nossos objetivos. Com isso nomeamos LAGE (2005) para nos orientar em relação as questões centrais sobre metodologia. De modo que faremos a seguir, partindo de LAGE (2005) a descrição do nosso percurso metodológico com algumas adaptações e modificações conforme exigiu nosso trabalho.

Embasamos nossa análise a partir da perspectiva de uma Pesquisa Qualitativa, exploratória e no Estudo de Caso, convencional uma vasta exposição dos dados obtidos, que se intensificam permitindo assim, que o pesquisador obtenha recursos suficientes para alcançar os objetivos da pesquisa.

Embasamo-nos a partir do método do Caso Alargado (SANTOS, 1983, p. 45) segundo Santos, consiste em, ao estudar um caso isolado, particular, estender as conclusões nascidas desse estudo a um campo mais amplo, atribuindo aos outros contextos suas análises. Neste sentido, o método do caso alargado propõe que:

Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhes descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou único. A riqueza do caso não está no que é generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que constituem (Santos, 1983 p. 11).



Segundo a contribuição de Gil (2008: 27) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Para Gonsalves (2003: 65)

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

### Já as pesquisas explicativas no olhar de Gil

São aquelas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente (2008: 28)

De maneira sucinta a pesquisa explicativa “pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno. Buscam-se aqui as fontes, as razões das coisas” (GONSALVES, 2003: 66).

Da mesma forma a **entrevista** também é uma técnica da maior importância no que se refere às pesquisas de cunho qualitativo, e como tal não poderíamos deixá-la de lado na nossa coleta de dados. Para não constranger de alguma maneira os sujeitos e não forçá-los a dar respostas ensaiadas optamos pela entrevista informal que se trata do tipo “menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados” (GIL, 2008: 111).

### 3.1 Delimitação e sujeitos da pesquisa

Este artigo nasceu no grupo de estudos do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina, na Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, onde em sua primeira etapa fizemos a delimitação teórica e metodológica e na

segunda etapa a ida a campo com o objetivo de coletar dados e posteriormente analisá-los.

Escolhemos para sujeitos de nossa pesquisa profissionais na área de educação e de diferentes formações, por viverem diferentes experiências e que contribuíssem de maneira ímpar com nosso trabalho, sendo eles professores reflexivos e de forte autonomia. Estes professores serão nomeados como designamos aqui, para guardar suas identidades. É importante ressaltar que os professores de nossa pesquisa trabalham em bairros periféricos e em redes particulares da cidade de Caruaru.

### **3.2 Técnicas de Coleta**

Investigamos, a partir de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, teóricas que fundamentam nossas ideias, tanto em periódicos, como nos livros ou documentos produzidos pelos estudiosos/as da área e pelo movimento LGTB, numa perspectiva pós-estruturalista, buscamos também informações dentro do campo educacional, sejam em dados no campo empírico, sejam como literatura pertinente à educação em relação à sexualidade e as relações de gênero, fizemos uso ainda, como instrumento de coleta de dados, de entrevistas semi estruturadas e questionários abertos direcionados a professores pesquisados.

### **3.3 Análise e sistematização de dados**

Para esta pesquisa utilizamos a Análise de Conteúdo como técnica de análise de dados, que se caracteriza como uma técnica de tratamento da informação. Utilizamos das instruções acerca da análise categorial discutidas por Bardin (2001). Para esse procedimento fizemos uma primeira descrição analítica dos dados, com o objetivo de, além de escrever, fazer uma análise panorâmica acerca dos dados apresentados.

## **4. Panorama Empírico das Narrativas dos Professores Homossexuais**

### **4.1 Identidade Homossexual na escola**

No território escolar, é possível encontrar sexualidades que não se encontram alinhadas com os discursos hegemônico de uma sociedade “heteronormativa”, ou seja, esses professores homossexuais experimentam a homofobia na escola que se manifesta

de conhecidas formas, como a violência física, simbólica e verbal. Como percebemos nas falas dos sujeitos:

Bem, na escola onde trabalho todos sabem que sou homossexual, mas sou visto antes de tudo como o professor de matemática, pelo menos é assim que percebo. Sempre sou vigiado por olhares da direção, mas sempre são olhares velados (professor I)

Não tenho a certeza que os pais dos meus alunos sabem. Mas a diretora e os pais me olham com uma cara diferente. Isso eu tenho percebido desde que entrei na escola. Os pais me olham com indiferença, eu sinto (professor II)

Essas narrativas em encontro ao movimento LGBT brasileiro vem debatendo a respeito sobre a visibilidade desses sujeitos: “ainda se configura nas escolas brasileiras a invisibilidade dos sujeitos homossexuais, que cotidianamente as ocupam” ( ABGLT, 2006:48). Em alguns casos, no caso da escola pública, parece ser mais fácil essa identidade:

Eu tenho aspectos que demonstram minha sexualidade sem precisar que eu fale por exemplo. Mas na escola, em sala de aula, as coisas às vezes são complicadas, porque existem sempre os estigmas a serem combatidos, mas sou bastante respeitado no ambiente de trabalho (professor II)

Tenho que ser eu mesmo pra poder ser aceito. O respeito consigo e com a opinião do outro é de fundamental importância para essa visibilidade, isso claro do lado positivo. E o conhecimento é importante, a partir do momento que você assume certas posturas quer queira ou não as pessoas terão de pelo menos lhe respeitar, mesmo que não gostem de você (professor III)

O ministério da educação (Brasil, 2006) traz em seus dados uma situação de violência a que são submetidos lésbicas, gays, travestis, transexuais e bissexuais e, entre as importantes questões que enfatiza em relação a esta temática na comunidade escolar, trazemos:

O sexismo e a homofobia (...) no ambiente escolar encontraram diversas formas de manifestação. Vale lembrar (...) a existência de concepções pedagógicas, curriculares e livros didáticos que, apesar dos importantes avanços alcançados,

ainda veiculam conteúdos discriminatórios, imagens estereotipadas (...) e concepções restritivas e naturalizantes (...)

Segundo Louro (2001), nossos corpos constituem culturalmente uma referência que ancora as identidades. Assim sendo, esperamos que os corpos ditem a identidade, e que o façam sem ambiguidades. Em geral, discutimos as identidades de gênero, sexual ou étnica a partir de marcas supostamente biológicas (se nasceu com uma vagina, é mulher, é feminina; se é feminina, deve ser “frágil” heterossexual, delicada, medrosa e afeminada etc.). Nada impede que um jovem considerado muito masculino tenha desejos por outro homem. Do mesmo modo, uma pessoa que nasceu com uma vagina pode fazer a operação de mudança de sexo e sentir-se sexualmente atraída por homens, ou seja, um transexual gay.

A professora Louro chama a atenção para o fato de que a escola é um dos aparelhos mais eficientes no controle da sexualidade e dos corpos na medida em que a instituição escolar e os currículos são percebidos como legitimadores das “posições de sujeito” em uma determinada cultura.

#### **4.2 Gênero na Docência**

Os homossexuais assumidos nunca estiveram em grande quantidade nem como aluno nem como professor, hoje podemos ver essa diversidade na escola, de uma forma mais sucinta, mas visível. Louro mostra que: “as chamadas “minorias” sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores” (LOURO 2011). Nas entrevistas com os professores mostram que existe uma busca de se afirmar quem é em sua área de trabalho: “Significa me aceitar e tentar se fazer aceito, porque isso é uma coisa normal, ou pelo menos deveria ser na sociedade” (professor I). “Significa decidir se aceitar e se despir de seu próprio preconceito para assim tentar despir o preconceito do outro. Ter identidade homossexual é ser homossexual assumido perante a sua comunidade” (professor II).

Na escola os professores lutam para que a comunidade escolar passe a vê-los além da homossexualidade e sim como um profissional, um educador: “Sou formado em Letras, tenho especialização e trabalho como professor há sete anos e sou concursado pela prefeitura... sou consciente do meu papel” (professor I) “Sou formado em matemática, dou aula há oito anos em escola pública”... (professor II). Para os

docentes quando existe um conhecimento do assunto pode haver mais uma abertura para uma nova visão sobre eles: “quando as pessoas passam a nos conhecer a fundo, eles podem mudar algumas opiniões a nosso respeito que estão estigmatizadas e estereotipadas. Quando nos mostramos e nos aceitamos, abrimos espaço pra que o outro conheça melhor nossa realidade.” (professor I). Nesta visão da afirmação e do respeito Louro diz: “A afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava numa disputa quanto às formas de representá-la”. (Louro 2001).

Imaginar um homossexual docente, sério e responsável foge do padrão que foram criando dentro da escola. “Nesta perspectiva os docentes buscam o respeito como pessoa.” Só não abro espaço pra diálogo quando percebo que o interesse é brincadeira ou algum tipo de intimidação ou coisa desse tipo. Não dou liberdade de forma alguma” (professor I). “O respeito consigo e com a opinião do outro é de fundamental importância para essa visibilidade, isso claro do lado positivo” (professor II). Este é um processo que por muito tempo vem sendo travado na comunidade escolar visto que a afirmação da identidade traça uma visão preconceituosa e deturpada desses profissionais. Molina diz: “Desta maneira, as discussões de temáticas referentes à diversidade sexual e aos direitos sexuais nas escolas necessitam de suporte de políticas públicas na área da educação e de mobilizações sociais...” (MOLINA, 2011). Na fala de um dos professores encontramos: “Nas escola não existem muitas ações com relação a homossexualidade...Com relação à homossexualidade não há nenhuma programação, até porque materiais não correspondem muito a nossa realidade “(professor II). O professor que não tem o apoio da gestão escolar faz o trabalho de diversidade de gênero por ele mesmo “eu atuo mais dentro da sala de aula, às vezes tirando alguma dúvida sobre o tema quando surge algum questionamento essas coisas simples.” (professor I).

### **4.3 Homossexualidade e cotidiano escolar**

Guacira Lopes Louro aponta em seus livros, a ideia da escola como um espaço de construções das diferenças, ou seja:

Diferença, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também,

internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. Concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles aos quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos. (LOURO,1999, p.57)

Nesta perspectiva das diferenças, a ação discriminatória não é percebida corpo a corpo, digamos assim, mas existe sempre um olhar diferenciado uma fala mal colocada e estigmas que precisam ser combatidos:

:Bem no meu caso, não precisei dizer, é uma coisa que salta à vista, embora eu me vista normalmente e tal, eu tenho aspectos que demonstram minha sexualidade sem precisar que eu fale por exemplo. Mas na escola, em sala de aula, as coisas às vezes são complicadas, porque existem sempre os estigmas a serem combatidos, mas sou bastante respeitado no ambiente de trabalho (Professor I) e Regiram normalmente, pelo menos eu percebi assim, porque sou uma pessoa bastante discreta (Professor II).

Neste caso, para um professor que já é homossexual assumido em seu ambiente de trabalho, talvez se torne mais fácil à convivência, entretanto quando se assume posteriormente, as relações podem sofrer modificações. Entretanto, pode ser que haja um preconceito velado, neste caso porque o professor se comporta da maneira que é esperada pela sociedade e pelo ambiente escolar.

Diante das falas, entendemos que na escola se produz um ato silenciado no tocante à homossexualidade, tanto para com os professores que assim se assume, como para os alunos, que precisariam de orientações na perspectiva de aceitação própria e aceitação do outro; percebemos ainda que ela é um espaço onde as posições e relações aparecem e acontecem de acordo com seu perfil pedagógico de cada um, sendo assim, há uma diversidade de escolas: particulares e públicas, do campo ou urbanas dentre

outros aspectos, que comportam populações heterogêneas, mesmo com toda a diversidade que se encontra nelas.

O cotidiano escolar deve fazer nascer um espaço de menos desigualdade, potencializando a criticidade na vivência dos sujeitos, percebendo e compreendendo que as diferenças existem e reconhecer que através das dimensões da diversidade, porque ela é um recurso que enriquece o ambiente escolar, surjam indivíduos mais atuantes e que façam a diferença numa sociedade que ainda é carregada de preconceito e estigmas.

## 5. Conclusões

Este trabalho de pesquisa, tomou uma questão para trabalhar como problema a qual tentou elucidar, sendo ele: *buscar problematizar quais seriam os processos simbólicos, culturais, históricos e linguísticos em seu sentido mais amplo na constituição de identidades desses sujeitos homossexuais na prática docente e cotidiano escolar?*

Este exercício nos possibilitou repensar as identidades dos professores a partir das narrativas envolvidas e podemos notar que, em diversos espaços sociais, os professores tendem a deixar explicitamente suas identidades, porém, dentro da comunidade escolar e em sala de aula, os professores tendem a não dar visibilidade a sua sexualidade. Pelo fato da escola pautar a heterossexualidade como norma e princípio. Sendo esses espaços responsáveis pelo desenvolvimento integral e social dos sujeitos, se transfigura como local de violência e repressão, pautando a homofobia, transfobia, lesbiofobia entre outros discursos de ódio para com os sujeitos que “fogem” da norma reguladora.

Nas palavras da professora Guacira Lopes Louro (1999, p. 11) haveria dois pontos a serem considerados para a compressão das transformações das formas de encarar a sexualidade; ‘o primeiro deles remete à compreensão de que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; o segundo. Ao fato de que a sexualidade é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.”

Pelas narrativas envolvidas na pesquisa, percebe-se que nas escolas é acentuado o cultivo ao silenciamento em relação à homossexualidade. Um silenciamento que amedronta, vigia e puni esse sujeito em suas falas, mesmo que esse possua uma “pequena autonomia” na comunidade escolar. Michel Foucault, na sua obra História da

sexualidade, afirma ser toda sociedade repressiva, porém nenhuma como a nossa. A sociedade ocidental contemporânea amplificou os mecanismos repressivos ao mesmo tempo em que tomaram uma característica singular: fala-se sobre o sexo para que este se cale. O aquecimento e acréscimo de discursos, na diversidade de suas formas e na criação de uma rede que perpassa toda a sociedade a envolve. Percebemos nos sujeitos pesquisados uma busca incessante por uma pedagogia pós-estruturalista, uma pedagogia que surge como ciência que elabora um discurso sobre as escolas, mobilizando pais, gestores e professores para que emitem pareceres, diagnósticos, opiniões no intuito de mapear o continente aluno. De posse de uma cientificidade, interpelando-a para que o(a) próprio(a) fale de si. Ao elaboramos esse artigo, não foi nosso objetivo traçar toda uma ‘metanarrativa’ a respeito de como pensa e age os professores homossexuais, mas sim, por meios dos relatos narrados, contribuir para a construção de outras “verdades” e de outras “formas” de desestabilizar esses discursos hegemônicos de ódios contra a suas posturas sociais, simbólicas e culturais.

## 6. Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT). *Resoluções do I Congresso da ABGLT: avanços e perspectivas*. Curitiba: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros, 2006

BARDINI, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Relógio D`água Editores, 2001

BUTLER, j. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”*, In: LOURO, G. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 151- 172.

CONCEIÇÃO, Thiago Augusto de Oliveira da. *Práticas de gênero e sexualidade: a produção discursiva sobre O/a professor/a homossexual na docência primária*. Universidade Federal do Pará, 2012.

FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro, paz e terra, 1996

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*, Rio de Janeiro. Edições Gral, 1988

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 2008. 6ª ed.



GONSALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Alínea. 2003. 3ª ed.

Hall, S. *A identidade cultural na pós- modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997<sup>a</sup>

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LAGE, Allene Carvalho. *Elementos para a compreensão da educação nos movimentos sociais*. In: SILVA, Alexandro da e SALLES, Conceição Gislane Nóbrega de Lima (Org.). *Temas em Educação: Diálogos contemporâneos*. P: 65-82. Recife: Editora UFPE (no prelo)

\_\_\_\_\_, Allene Carvalho. *Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da Associação In Loco/Portugal. Volume I – Dissertação de Doutorado*. Orientador: Boaventura de Sousa Santos. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. 2005.

\_\_\_\_\_, Allene Carvalho. *Orientações Epistemológicas Para Pesquisa Qualitativa em Educação e Movimentos Sociais* In: IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, 2009, João Pessoa. IV Colóquio Internacional de Políticas Práticas Curriculares: Diferenças nas Políticas de Currículo. João Pessoa: UFPB, 2009. v. 1. p. 1-18.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogias da Sexualidade*. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 9- 34.

\_\_\_\_\_. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOLINA, Luana. Professores homossexuais: suas vivências frente à comunidade escolar. **Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

Rios, R, R. O Conceito de homofobia na Perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação, In POCAHY, F. (Org.). *Rompendo o silêncio*. Homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Porto Alegre: Nuances, 2007.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; SOARES, Guiomar Freitas, FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *Ambientalização de professores e professoras homossexuais no espaço escolar*. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade, UNESCO, 2009.

SANTOS, B. de S. *Os conflitos Urbanos no Recife: o Caso do “Skylab”*. In: Revista Crítica, n° 11, maio, p. 9-59. Coimbra; CES, 1983.

SANTOS, B. de S. *Produzir para viver: Os caminhos da produção não capitalista*. Coleção Reinventar a emancipação social: Para novos manifestos. Vol. 3. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SEFFNER, Fernando. *Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção das identidades(s) e da(s) diferença(s)*.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do Cotidiano: introdução à constituição e um campo de análise social**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999